

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS**

**ALINNE GONÇALVES DE OLIVEIRA**

***As visualidades das redes ampliando as paredes da sala de aula***

**ALINNE GONÇALVES DE OLIVEIRA**

**As visualidades das redes ampliando as paredes da sala de aula:  
Processos de exposição, mediação e apreciação no ensino de artes**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do diploma em Artes Plásticas - Licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientador: professor Dr. Cayo Honorato.

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

**ALINNE GONÇALVES DE OLIVEIRA**

**As visualidades das redes ampliando as paredes da sala de aula:  
Processos de exposição, mediação e apreciação no ensino de  
artes.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do diploma em Artes Plásticas - Licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Área da concentração: Artes Plásticas/ licenciatura.  
Aprovada em: 05/12/2014

### **Banca Examinadora**

Orientador. Dr. Cayo Honorato

Christus Nobrega

Tatiana Fernandez

## SUMÁRIO

Lista de imagens.....	5
INTRODUÇÃO.....	6
1. AS PAREDES DA SALA DE AULA.....	8
1.1 Tecnologias da convergência.....	9
1.2. A rede social.....	12
2. Parâmetros para o ensino das artes em comunicação com as redes.....	12
2.1 Atores em Rede.....	13
3.0 PERCEPÇÕES.....	14
3.1. Espaço encontrado.....	14
3.2. Produções entre espaços.....	16
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	27
4. BIBLIOGRAFIA.....	29

## **Lista de imagens**

FIGURA 1. Postagem no grupo CEAN artes. 28.11.2014

FIGURA 2. Postagem no grupo CEAN artes. 19.08.2014

FIGURA 3. Postagem no grupo CEAN artes. 10.08.2014

FIGURA 4. Postagem no grupo CEAN artes. 20.08.2014

FIGURA 5. Postagem no grupo CEAN artes. 15.09.2014

FIGURA 6. Postagem no grupo CEAN artes. 20.08.2014

FIGURA 7. Postagem no grupo CEAN artes. 20.08.2014

## INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Artes Plásticas foi elaborado com base na minha vivência da disciplina Estágio Supervisionado 2, no período de fevereiro a junho de 2014, em uma escola da rede pública de ensino do Distrito Federal. O Estágio foi realizado com turmas do terceiro ano do Ensino Médio nas aulas de artes, o que possibilitou investigar a produção e a formação estética dos estudantes de artes num contexto marcado pela dualidade entre redes e paredes (Sibilia, 2012).

Desde o período de observação do Estágio, a relação entre os discentes e a docente, além dos diálogos e intervenções conduzidos no ambiente entre paredes da sala de aula, foi marcada pelas interações dos alunos com seus aparelhos celulares, tirando fotografias, fazendo vídeos, compartilhando vivências cotidianas no ciberespaço, entendido como “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (Lévy, 1999: 92). Esse contexto despertou a necessidade de investigação da inserção dessas ferramentas no ambiente de ensino, a partir da observação e análise do contexto de um grupo em uma rede social junto às aulas de artes.

A professora de artes regente da turma abriu um grupo de discussão no Facebook, “uma das redes sociais mais utilizadas em todo o mundo” (Patrício & Gonçalves, 2010), como estratégia de ensino-aprendizagem, com o intuito de compartilhar imagens e textos com seus alunos, fazendo uma conexão com os conteúdos abordados em sala. Assim, delineou-se um estudo de caso de turmas de 3º ano do Ensino Médio de uma escola da rede pública de ensino do Distrito Federal. Buscou-se o subsídio da pesquisa documental e bibliográfica de abordagem qualitativa para analisar como os estudantes atuavam nessa página, registrando as postagens e as relações das postagens com o espaço da sala de aula no ensino de artes.

No grupo do Facebook, foram notadas diferentes ações entre os participantes, alunos e professores de outras disciplinas. Os registros e vestígios de atividades desenvolvidas pelos jovens estudantes no cotidiano eram transportados para a página da rede social, configurando-se em postagens que, visualizadas por outros usuários, sofriam intervenção com comentários, questionamentos, “curtidas” (clique para marcar visualização).

Entre as postagens havia registros fotográficos do cotidiano na escola, de anotações no quadro, lembretes de atividades, dentre outras. Foi delimitado o período de abril a setembro para coleta de dados, sendo capturadas e analisadas sete postagens, que esboçam a produção dos estudantes nessa rede social. O objeto de estudo foram essas postagens e interações em

uma *timeline* de rede social, frequentada por esses estudantes, estimulados pela professora de artes regente da turma.

A página do grupo de artes na rede social também trazia panfletagens digitais, desenhando um circuito compartilhado de eventos, além de alguns perfis, desejos e vontades dos participantes.

Essas interações podem contribuir com possibilidades e vivências culturais para o ensino de artes? E atuar na diversidade de apropriação dos jovens, possibilitando produção e apreciação?

Esse cenário demonstra a participação dos educandos e educadores em um novo contexto de ensino, que aos poucos levanta questões culturais que merecem ser investigadas.

## 1. AS PAREDES DA SALA DE AULA

Para compreender a influência que as mídias e as redes sociais exercem no ambiente do ensino de artes, torna-se necessário compreender a escola frente às dinâmicas sociais modernas. No contexto ocidental, capitalista e industrial, a escola representa a visão de mundo e de organização de sociedade. Assim, destaca-se como uma das principais instituições de formação humana, mas vem sofrendo profundos questionamentos quanto à sua função e sua eficiência, fortalecendo o discurso de crise, “[...] sugerindo que o instrumental escolar estaria em decadência, [...]” (Sibilia, 2012: 67). As alterações nos modos de ser e de se relacionar contemporâneos, influenciados pela conectividade e visualidade dos aparelhos celulares e computadores portáteis repercutem na escola. Assim, “as subjetividades se constroem nas práticas cotidianas de cada cultura, e os corpos também se esculpem nesses intercâmbios” (Sibilia, 2012: 10).

Essa crise da instituição escolar, caracterizada pelos altos índices de abandono e reprovação, aumento preocupante da violência entre professores e alunos, em especial no ensino médio, parece estar associada a diversos fatores de ordem histórico-cultural. Conforme defende Sibilia, indubitavelmente um deles centra-se no conflito entre as subjetividades dos estudantes na construção do conhecimento e a objetividade da escola, suas tradicionais estruturas e práticas. “Agora é preciso aprender a habitar as situações sem a pretensão de efetuar transposições entre elas” (idem: 99). A objetividade da escola decorre dos horários das atividades rígidas e inflexíveis, da cultura de transmissão do conhecimento e de avaliação, da disciplina e do controle social que acabam cumprindo o objetivo de emoldurar os sujeitos e suas subjetividades.

O filósofo francês Michel Foucault abordou a teoria social, estabelecendo semelhanças entre os sistemas prisionais, militares e a escola. Essas semelhanças são manifestadas no exercício do poder na instituição escolar sobre os estudantes, transfigurando a sala de aula como um mecanismo de dominação sobre os corpos, confinados por paredes e tempos de aprender. “O próprio Edifício da Escola devia ser um aparelho de vigiar; os quartos eram repartidos ao longo de um corredor como uma série de pequenas celas” (Foucault, 1987:145). De forma contraditória, a escola, que homogeneiza e molda os corpos e mentes dos estudantes, estrutura seus objetivos e sua própria função na busca pela identidade, autonomia e realização pessoal. O ensino do componente curricular Artes, por exemplo, tem diversos objetivos voltados para a interpretação de mundo, o estímulo à criatividade, expressão e à produção

inventiva e sensível.

Por isso, a concretização e apreciação de produtos artísticos pelos alunos requer aprender a trabalhar combinações, reelaborações imaginativas-criativas, intuitivas, estéticas- a partir de diversos elementos da experiência sensível da vida cotidiana e dos saberes sobre a natureza, a cultura, a história e seus contextos. É na travessia dessas mútuas e múltiplas influências entre reelaborações imaginativas de arte e experiências com as realidades culturais em que vivem que os adolescentes, jovens e adultos da escola média vão desvelando o sentido cultural da Arte e seu conhecimento para suas vidas. (Brasil, 2000: 49)

Entretanto, o ensino das artes fica condicionado a um espaço e tempo delimitados pela “grade curricular”. Assim, “Uma relação de fiscalização, definida e regulada, está inserida na essência da prática de ensino” (Foucault, 1987:148). Essa divisão das aulas em períodos rígidos e avaliações de acordo com os parâmetros de estrutura e de materiais da escola atrofia o processo de interação e mediação com as referências culturais locais e contemporâneas e com as dinâmicas de apreciação, mediação e produção de arte.

Outro aspecto que pode ser destacado no contexto das aulas de artes é a descontinuidade entre a aula e o contato dos estudantes com as visualidades, mediados pelos meios multimidiáticos, como celulares e outros dispositivos móveis de conexão com a internet. “Por um lado, então, temos a escola, com todo o classicismo que ela carrega nas costas; por outro, a presença cada vez mais incontestável desses modos de ser” (Sibilia, 2012: 15).

Assim, a investigação das práticas sociais envolvendo essas relações mediadas pelas tecnologias podem trazer importantes reflexões para o processo de ensino de artes na escola. Contudo, para compreender a influência dessas relações que estudantes e os professores estabelecem com os meios de comunicação, torna-se necessário caracterizar as Tecnologias de Informação e Comunicação.

## **1.1 Tecnologias da convergência**

As relações dos estudantes com as informações e com o conhecimento vêm sendo alteradas pelo desenvolvimento e disseminação das Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs. Os aparelhos de comunicação (rádio, televisão, cinema, computador, celular e a própria internet) passaram por processos que transformaram seus suportes. A televisão, por exemplo, passou a contar com o controle remoto e grande variedade de canais

de modo que o espectador pode escolher o que ver. A internet, por meio da plataforma Web 2.0, tornou possíveis plataformas de interações entre os usuários.

A Web 2.0 é a segunda geração de serviços online e caracteriza-se por potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo (PRIMO, 2007:1).

Seguindo a internet conta com a web 3.0, empregando desafios da terceira geração da internet possibilitando organizações personalizadas, baseadas nos comportamentos dos usuários .

Ganha destaque também o aparelho de telefone celular, que incorporou novos suportes, unindo diversas funções tais como: câmera fotográfica, máquina filmadora, jogos e internet. Esse contexto evidencia uma dinâmica cotidiana que é aplicada à vida dos jovens, com o uso de seus aparelhos produzindo vídeos, fazendo fotografias, visualizando notícias, interagindo entre si, fazendo postagens.

Vários autores como Castells, Lévy, Jenkins dedicaram estudos para a compreensão da influência das TICs, buscando identificar e caracterizar esse processo, a saber: A sociedade em rede ou Era da Informação (1999), Cibercultura (1999) e Cultura da Convergência (2009), respectivamente. Uma tese que pode ser inferida nesses autores é o poder que esses instrumentos, plataformas e relações exercem na sociedade pelo contato intenso e permanente com dispositivos conectados à internet.

Com a conectividade da rede mundial de computadores, a globalização das informações possibilitou a integração das culturas e das economias, reestruturando assim as formas de produção e reprodução do sistema capitalista.

Portanto a nova sociedade emergente desse processo de transformação é capitalista e também informacional, embora apresente variação histórica nos diferentes países conforme sua história, cultura, instituições e relação específica com o capitalismo global e tecnologia informacional (Castells, 1999: 50).

A Era da Informação altera assim as relações de produção, poder e experiências humanas, possibilitando o surgimento de novas culturas. A cultura pode ser entendida como o conjunto de lógicas, comportamentos, crenças, valores, normas e realizações humanas que condicionam os modos de vida e são alterados pelos indivíduos que fazem parte dessa cultura em um processo dinâmico (Laraia, 2001). Esse processo de reconfiguração das culturas, pelas interações entre as pessoas e de globalização das informações, possibilita uma nova dinâmica para a construção do conhecimento e para as experiências de apreciação, produção e mediação das pessoas com as visualidades.

O desenvolvimento de ferramentas midiáticas globais que delineiam o perfil e o interesse das pessoas integram conteúdos e outras ferramentas de mídia, gerando uma convergência dessa sociedade em rede.

Essa convergência pode produzir resultados nefasto sob influência da indústria cultural e dos interesses mercantis por trás dessas ferramentas, mas pode servir a propósitos criativos e coletivos tanto na construção do conhecimento quanto nas próprias experiências estéticas dos estudantes.

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão quase a qualquer parte em busca de experiências de entretenimento que desejam (Jenkins, 2009:29).

É preciso identificar claramente a influência da indústria cultural e midiática para abordar as TICs no contexto da significação das experiências estéticas e na construção dos conhecimentos sobre artes pelos estudantes.

O princípio básico consiste em lhe apresentar [ao consumidor] tanto as necessidades como tais, que podem ser satisfeitas pela indústria cultural, quanto por outro lado organizar antecipadamente essas necessidades de modo que o consumidor a elas se prenda, sempre e apenas como eterno consumidor, como objeto da indústria cultural. (Adorno, 2002: 23).

Contrapondo essas influências midiáticas mercadológicas às quais os estudantes estão expostos, a sociedade precisa se articular e produzir com as TICs em favor de interesses sociais, pautados no processo de criação colaborativa e participativa. As instituições, de uma maneira geral, precisam incorporar as TICs de modo a integrarem os serviços e ingressar na sociedade em rede. “As mídias são interpretadas basicamente como ameaças, em vez de recursos. Coloca-se mais ênfase nos perigos da manipulação do que nas possibilidades de participação” (Jenkins, 2009: 343)

A escola certamente constitui uma dessas instituições que precisa valorizar as TICs na perspectiva de se aproximar da realidade dos estudantes e das novas formas de produção da vida social. As iniciativas locais e pontuais como rádios comunitárias, blogs, cursos à distância e as próprias redes sociais demonstram o potencial das TICs para o processo de formação. Os conteúdos e objetivos das artes na educação escolar passam por essa compreensão e reflexão sobre a cultura visual e suas dinâmicas de produção e apropriação estética pelos estudantes.

Dessa maneira, aponta-se a utilização de ferramentas na estimulação da experiência dos estudantes, bem como da construção de conhecimentos e técnicas que permitam um olhar crítico, criativo e colaborativo entre professores, estudantes e comunidade mundial.

## 1.2. A rede social

A *timeline* analisada faz parte de um site com o serviço de [rede social, que](#) foi lançado em [4 de fevereiro de 2004](#), operado por e de propriedade de uma empresa com sede na Califórnia, Estados Unidos, denominada Facebook Inc., tornando-se um dos *sites* mais visitados no mundo todo, principalmente por jovens.

Para acessar o serviço, o internauta deve se cadastrar e criar um “perfil pessoal”, com informações diversas que vão delineando como a pessoa quer se apresentar nessa rede de interações. Uma vez cadastrado e acessado, o serviço permite a navegação na página de outros usuários, com graus diferenciados de acesso, conforme a liberação desse outro usuário, e em grupos com os mais diversos temas e interesses. As páginas, de uma forma geral, têm propagandas dividindo espaço com as informações da rede social que com a Web 3.0 personifica as imagens expostas aos usuários. Os usuários podem classificar suas relações com os outros usuários da rede em graus de relação como “família”, “amigos”, “trabalho” (Facebook, 2014).

Essa rede de interação e organização humana cresceu ainda mais com os aparelhos móveis tais como celulares e *laptops* com acesso à internet. Pesquisas apontam o Facebook como a rede social mais acessada no mundo, com um alto índice de uso por meio de dispositivos móveis. O mercado do Facebook no Brasil é o principal da América Latina, com 76 milhões de usuários ativos.

Essa realidade faz parte dos hábitos de uma grande parcela da sociedade, alterando relações sociais e culturais das pessoas junto a esses dispositivos.

## 2. Parâmetros para o ensino das artes em comunicação com as redes

A dinâmica da sala de aula ganhou várias configurações ao longo da história, evidenciando a contradição da escola: a mesma escola que visa formar os estudantes para o exercício criativo, autônomo e expressivo da arte, condiciona o ensino das artes ao espaço da sala de aula, ao horário do componente curricular, aos materiais disponíveis para a produção artística na escola e à formação do professor. Essas limitações, entretanto, não anulam a sala de aula como espaço de vivências, trocas culturais, sentidos e significados. Esse espaço permite uma variedade de possibilidades de interações sociais aos docentes e discentes, formando indivíduos em relação com cotidiano e com o mundo.

O ensino de Artes é orientado por um conjunto de legislações e documentos, dos quais destacam-se os Parâmetros Curriculares do Ensino Médio – PCNEM, orientados pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96, tendo como referência a perspectiva de criar uma escola média com identidade, indicando que a escola atenda os contextos sociais dos indivíduos, e as expectativas de formação escolar dos alunos para o mundo contemporâneo (Brasil, 2000).

Os PCNEM, para as áreas do conhecimento de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, apresentam a importância das Artes em promover projetos que possam unir o ensino de artes com outras áreas do conhecimento: “a disciplina de Artes deve colaborar com projetos educacionais, interligados de modo significativo, articulando conhecimentos culturais apreendidos em informática (ciberespaço)” (Brasil, 2000: 48). Percebe-se uma preocupação em relacionar a apropriação dos saberes culturais à prática do ciberespaço.

São muitas as possibilidades de planejar o ensino das Artes para construir projetos, articulando códigos e suas tecnologias ao contexto sociocultural, oportunizando condições de conhecimento por meio da produção e reflexão dos participantes.

Os estudantes, muitas vezes, são impedidos ou desestimulados a usar aparelhos móveis e suas conexões nas instituições de ensino. Se as janelas das salas um dia foram tidas como a razão da dispersão, hoje os aparelhos conectados à rede se tornaram essas janelas para muitos educandos. Conhecimentos podem emergir dessas práticas desempenhadas pelos jovens com as redes sociais e suas produções digitais.

Os PCNEM abordam que os estudantes podem desenvolver competências em artes a partir da prática, experimentando elaborações inventivas, percepções e imaginação com significado sobre cultura. O professor pode investir em estratégias para o estudante utilizar essas ferramentas do seu contexto para produções e práticas inventivas no ensino de artes.

## **2.1 Atores em Rede**

Historicamente a sala de aula foi organizada para o ensino centrado no desempenho dos alunos a partir da transmissão do professor – “o modelo comunicacional centrado na récita do mestre, responsável pela produção e pela distribuição de conhecimentos” (Torres, 2007) –, separando assim emissão e recepção. A contemporaneidade estimula os jovens no contato digital, que muitas vezes articulam formas de saber, enquanto por vezes os pais e professores encontram-se emergentes no processo de alfabetização midiática, acarretando em

descompassos.

Na experiência artística dos jovens, os docentes podem investir em práticas de investigação do cotidiano possibilitando “etnométodos”, colaborando na construção de conhecimento. As novas plataformas permitem uma horizontalidade na expressão de docentes e discentes. Os estudantes, em contato com seus aparelhos móveis de comunicação em conexão, compartilham seus cotidianos nas redes, registrando suas passagens em novas formas de articulação da visualidade com suas ferramentas. Essa forma de comunicação e produção permite que esses estudantes conduzam suas explorações e seu processo de construção do conhecimento e de experiências de apreciação e mediação estéticas. Assim são postadas fotografias, passagens cotidianas, referências pessoais, vídeos, imagens, e outras possibilidades visuais e conteúdos compartilhados.

O contexto das redes sociais e suas inserções interativas colaboram para que o estudante expresse suas necessidades e experiências, Assim, ressalta a participação do estudante como agente na construção de seu conhecimento. Para John Dewey (*apud* GILLIAN, 2002), a ação, dentro e fora da escola, deve ser parte integral da educação em um processo ativo, interativo, que ocorre face a face, fortalecendo o ensino colaborativo. Dewey contrapõe o cotidiano tradicional com ações colaborativas e democráticas para o ensino.

### **3. PERCEPÇÕES**

#### **3.1 Espaço encontrado**

As salas de aula do Centro de Ensino Médio Asa Norte – CEAN eram ambientes compostos por: paredes que delimitavam o espaço, quadro negro, televisão, computador, aparelhos móveis e indivíduos. A sala de aula do Estágio Supervisionado 2 era organizada nesse espaço físico retangular, como acontece na maioria das escolas brasileiras, salvo exceções. As fronteiras desse espaço são as paredes e o contato com o espaço exterior é limitado às janelas e porta. No espaço da sala de aula, os aparelhos móveis de comunicação funcionam como “janelas” para o espaço exterior.

O espaço, constituído por concreto, onde ecoam sons, trocas e olhares. Segundo Castells (1999), “o espaço não é reflexo de uma sociedade, é sua expressão”. Nesse espaço, de fronteiras de interações contemporâneas, os aparelhos móveis promovem a migração desses jovens para outras visualidades, contornando as paredes da sala de aula:

Um novo sistema de comunicação que fala cada vez mais uma língua universal digital está promovendo a integração global da produção e distribuição de palavras, sons, e imagens de nossa cultura, assim como também está se personalizando ao gosto das identidades e humores dos indivíduos. As redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo sendo moldados por ela. (Castells, 1999: 40)

Esse cenário de expressividade nas redes sociais permite a investigação do processo de modelagem das subjetividades observadas e construídas nas aulas de artes em um contexto entre paredes e redes.

As postagens analisadas foram obtidas na página de um grupo no Facebook, que foi criada por uma professora de artes do ensino médio. Os participantes desse grupo são principalmente os estudantes de três turmas de 3ª ano, a professora de artes e outros professores, embora participem outros usuários, totalizando 162 usuários inscritos. Os estudantes moram no Plano Piloto e em diferentes Regiões Administrativas do Distrito Federal.

A captura das postagens desse grupo foi realizada no período de abril a setembro de 2014. O conteúdo das postagens variou desde imagens de espaços da escola, vídeos e fotografias, cada uma com os respectivos comentários dos participantes do grupo, que aconteciam autonomamente. As contribuições no grupo eram realizadas sem reforço de notas ou requisitos da aula para formalizar os processos educativos a não ser o estímulo da professora, que criou a página e periodicamente trazia postagens relacionadas aos conteúdos de artes. As manifestações ocorriam porque esses desejavam e participavam. As postagens mostram conteúdos e comentários exibidos aos usuários durante a navegação.

Questionada certa vez sobre o porquê da sua prática, a professora regente respondeu que não havia livros e que aquela era uma forma de se reportar às imagens e disponibilizar textos que relacionavam os conteúdos visuais da arte, utilizando essa ferramenta didática. A professora também permitia o acesso à rede com uso de aparelhos móveis para fins de pesquisa.

Durante a fase de captura das postagens, no período de 30 de abril a 25 de setembro de 2014 foram registradas as postagens, fazendo um recorte que evidenciasse a produção dos alunos, a partir de observações sobre a dinâmica das produções e sua convergência para a *timeline*.

### 3.2 Produções entre espaços

Apresento abaixo os registros de postagens que expressam a produção dos alunos e, de certa forma, traduzem as experiências culturais que se davam entre redes e paredes. Foram selecionadas sete postagens, dois vídeos e cinco registros fotográficos. As imagens sofreram tratamento afim de proteger a identidade dos participantes.



**IMAGEM 1.** Postagem no grupo CEAN artes, capturada no dia 28 de setembro 2014. Fonte: Facebook: grupo CEAN

A imagem 01 destaca a foto de uma estudante que fez uma postagem no grupo artes CEAN, interagindo com uma obra em espaço de exposição, utilizando seu corpo na composição com a obra de arte e registrando essa interação por meio de uma fotografia. A exibição da foto retrata o desempenho da estudante e o interesse da mesma em compartilhar com o grupo o seu contato com a obra de arte. A postagem foi feita autonomamente, não se trata de uma tarefa requerida pela professora. Assim pode-se indicar que o contato com o dispositivo e a visualidade expressa pela jovem esboçam sua participação além de um contexto de confinamento. A discente contribuiu partilhando sua produção para visualização na rede. Sua postagem pode permitir a outros do grupo reproduzirem a experiência perceptiva

por meio de sua apreciação artística. A imagem também dialoga com o registro cotidiano, prática dos jovens na contemporaneidade, que expõem o privado para o público compartilhando suas imagens, buscando captar as impressões dos outros participantes.

Jenkins defende que a convergência, enquanto possibilidade cultural, ocorre quando os indivíduos imprimem novas formas de fazer junto aos dispositivos. Nessa análise são notadas formas de fazer junto aos aparelhos e às redes, assim os jovens abastecem o acervo da rede. Formam-se espaços culturais que podem ser frequentados por estudantes com conexão à internet como dispositivo celular. Essa postagem recebeu 15 curtidas, que possivelmente significam forma de fruição junto à postagem.



IMAGEM 2. Postagem grupo CEAN arte, 19 de agosto de 2014. Fonte: Facebook: grupo CEAN

**IMAGEM 3.** Fonte: postagem grupo CEAN artes, captura 10 agosto de 2014. Fonte: Facebook: grupo CEAN

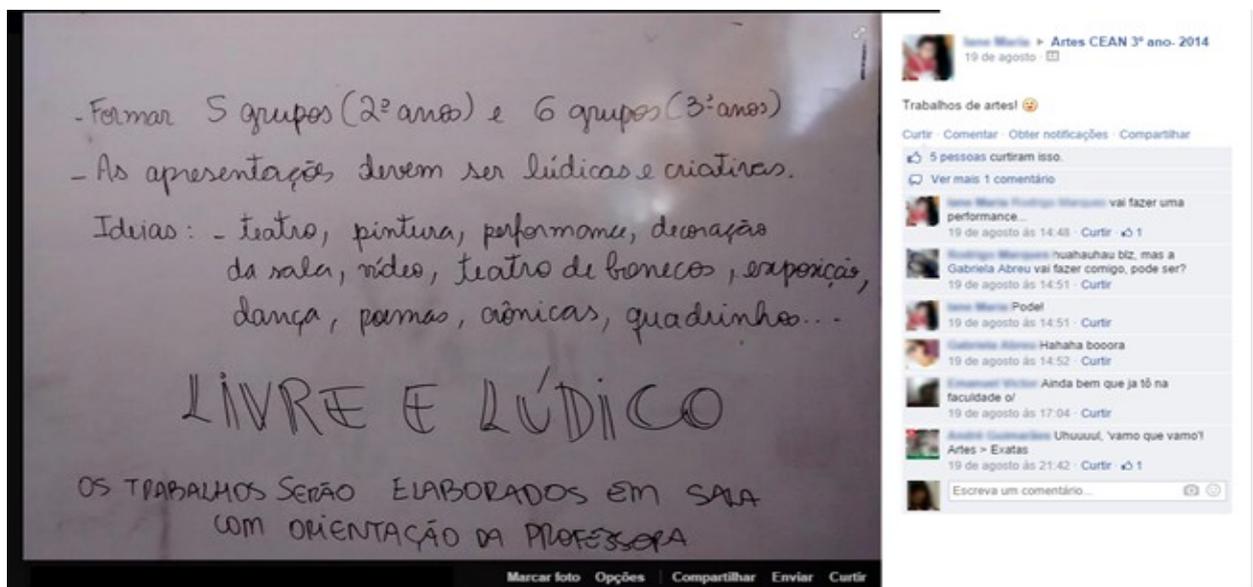
As postagens dois e três trazem imagens de duas jovens estudantes na escola, produzindo uma atividade com base no estudo do surrealismo, tema contemplado no currículo da educação básica do ensino médio do Distrito Federal. A atividade foi realizada na escola pelos discentes, após realizar diversos registros e elegerem duas imagens para compartilhar com o grupo.

As postagens apresentam as duas estudantes posando para fotografia, foram postadas no mesmo dia e mostram as estudantes produzindo na aula de artes em limites além da estrutura de confinamento. As imagens trazem a flexibilidade dos corpos que compõem uma cena fotográfica, selecionando paisagem, luz, movimento do corpo e expondo a visualidade no grupo em espaço virtual por iniciativa própria.

Assim, a subjetividade expressiva dos corpos dos jovens assume lugar na representação da arte e na produção cultural que se estende para uma produção distribuída na página que possuem e controlam.

Ressaltando a extensão da produção visual demonstrada por esses jovens, que delineiam contornos e vivências dos corpos no ambiente escolar e junto às redes, observa-se que a postagem 2, obteve 2 curtidas e um comentário – “Essa foto surrealista está ótima”. Já a postagem 3 não obteve nenhuma curtida nem comentário. Ao serem lançadas no grupo no mesmo dia, uma delas sofre atuação de dois espectadores com curtidas e um comentário,

relacionando o conteúdo da imagem a um estilo artístico, enquanto a outra não sofreu intervenção dos participantes ao ser exposta no grupo. Esse fato pode indicar como os espectadores desejam interagir com o seu conteúdo.



**IMAGEM 4.** Fonte: postagem grupo CEAN artes, capturada 20 de agosto 2014. Fonte: Facebook: grupo CEAN

A postagem retrata uma fotografia do quadro da sala de aula que divide espaço com a visualidade do grupo na rede. Essa comparação demonstra a transição entre os elementos que fundamentam a educação na perspectiva da dialética entre paredes e redes. O quadro é registrado e compartilhado, dividindo espaço com as visualidades da página.

A lógica da educação com seus mecanismos tradicionais tem sua lógica invertida, como se pode observar na imagem do quadro, que sai da sala de aula e ganha o espaço da rede. Esse fenômeno poderia ser analisado como uma projeção da visualidade do espaço

“real” para outro espaço “virtual”, visto que as subjetividades contemporâneas recorrem a diversos meios, sendo assim os registros físicos migram para o espaço virtual.

As postagens dos registros fotográficos, nesse intenso fluxo de informação, podem representar um esforço para que as informações da sala sejam visualizadas novamente na rede, em qualquer espaço e tempo.

Revisando o contexto em que as normas escolares se constituem historicamente, nota-se que a utilização de prova, trabalho, leitura e memorização foram às formas adotadas na escola. Esses são contextos que muito se diferem do tipo de leitura e visualização que ocorrem na contemporaneidade, perpassadas piscadelas e por hipertextos.

[...] em função de um mundo saturado de opções e estímulos dos mais diversos tipos, a sociedade vive em certo sofrimento por causa de dispersão que caracteriza as experiências contemporâneas. [...] Por isso nos ritmos atuais, não é raro buscar estratégias a fim de converter passagens cotidianas em experiências. (Sibilia, 2012: 58).

É como se a imagem presente no espaço físico de confinamento não alcançasse os jovens estudantes contemporâneos, sendo transportada por meio da captura fotográfica e distribuída no ambiente virtual, mostrando a flexibilidade das dinâmicas cotidianas para o meio virtual.

Na imagem do quadro temos os dizeres “livre e lúdico” como propostas de uma atividade com teatro, performance, decoração, vídeo, exposição. Esse destaque das formas “lúdicas e criativas” mostra a projeção de subjetividades, reforçando a criatividade, como perfil para produção desses jovens. Destacam-se ainda que as elaborações devem ser em sala junto da professora.

Essa postagem possui uma dinâmica dicotômica. Ao mesmo tempo em que é posto na mensagem livre e lúdica, esse recorte na rede ressalta a elaboração na sala de aula que se produz em um sistema de paredes. Remonta ainda uma visualização que sai da sala de aula para fazer um apelo virtual para dentro da sala de aula. Pode assim também ser analisada como estratégia de convergência desses membros nômades virtuais para a sala de aula, em um espaço de atuação migrante. Na postagem foram efetivados 7 comentários e 5 curtidas, entre os participantes que discutem a dinâmica da atividade, tirando dúvidas e comentando as atividades. Na plataforma virtual os estudantes discutem as práticas fora da “grade horária”, ampliando a rede social como um encontro de comunicação e aprendizagem.



IMAGEM 5. Postagem grupo CEAN artes 15 de setembro 2014. Fonte: Facebook: grupo CEAN

A postagem desse vídeo mostra um aluno que, junto dos colegas, produziu um vídeo que faz propaganda de uma atividade referente à aula de artes.

“A era contemporânea estimula modos *performáticos* de ser e estar no mundo mais aptos a agir ante o olhar do outro, ou mesmo diante de uma câmera (o reluzente universo da imagem), [...] o corpo em cena para falar ou atuar, inclusive numa tela.” (SIBILIA, 2012: 72-73).

O estudante relata os passos de uma atividade, convidando o grupo para participar e não ficar fora da atividade. A postagem reforça a imagem em movimento e como os estudantes utilizam os dispositivos na dimensão do cotidiano para produção e, ao distribuir suas produções, passam a mediar o processo de construção do conhecimento.

Pierre Lévy, filósofo francês que pesquisa a cultura virtual contemporânea, compreende esse processo antropológico por “inteligência coletiva”. Processo em que fragmentos de saber são apresentados e compartilhados nesse sistema de interação virtual. Os jovens se relacionam com as mídias de forma recreativa e, nesse espaço de interação virtual

recreativo, questões de saberes são construídas coletivamente por meio de um vídeo que é produzido, uma imagem que é lançada, um comentário adicionado. Dessas pequenas ações em conjunto derivam construções coletivas, que emergem desenhando também uma identidade cultural desse grupo.

Se os jovens consomem hipertextos midiáticos pelos aparelhos de comunicação, eles também conduzem o sistema de produção audiovisual com seus celulares e *tablets*. Nesse caso, o jovem, por meio da imagem em movimento, convida seus colegas a participar da atividade, deslocando sua ação do espaço da sala para a rede virtual, onde suas palavras e desempenho no vídeo passam a fazer parte da visualidade de outros colegas. Assim, o estudante faz *marketing* explícito na página, em uma via de contramão por onde os jovens também conduzem o sistema de produção e distribuição de informações.

O fato da imagem ser fixada no ciberespaço pode estar ainda relacionado com a dispersão dos jovens junto aos hipertextos, pois com o fluxo intenso de informações e imagens, os estudantes, por meio do vídeo, ressaltam a atividade da sala de aula para que outros colegas participem por meio da imagem em movimento que é fixada na página.

Sibilia (2012) relata como as subjetividades contemporâneas são estimuladas por meio de dispositivos a fazer parte da imagem. Assim os jovens conduzem produções de vídeos, de forma amadora, sendo postadas e disseminadas na rede social.

Foram registradas 6 curtidas e adicionados 6 comentários com frases como: “Eu faço a capa”, demonstrando interação e organização da atividade, desenvolvida além dos limites da sala de aula e do período delimitado pela escola.

**.IMAGEM 6.** Postagem grupo CEAN artes, captura 20 de agosto de 2014. Fonte: Facebook: grupo CEAN

Na postagem acima temos um vídeo de um grupo de estudantes a partir da produção de uma peça literária na escola. Demonstra-se a produção de material audiovisual, salientando como esses estudantes passam de consumidores para produtores audiovisuais, mais uma vez reforçando os jovens como indivíduos que imprimem novas formas de fazer e representar a participação no ambiente escolar.

As estudantes, com seus aparelhos móveis, distribuem suas produções, mediando o conhecimento a um grupo maior de jovens, pela lógica da postagem e visualização.

Foram efetivadas 15 curtidas, e 4 comentários como: – “mandou mt”, – “lindo esplêndido magnífico.” O primeiro comentário demonstra uma reinvenção da escrita visual e ao lado uma escrita colocada de forma culta. Os dois comentários evidenciam a apreciação cultural pelo relato: “lindo esplêndido”. Os comentários também expostos à visualização podem levar o espectador ao contato com uma diversidade de leitura e aprendizagem em conjunto. Além disso, o comentário ressalta a produção independente dos jovens que, com suas ferramentas, promovem criações que são legitimadas no espaço virtual, apontando como se dão as relações de produção e apreciação estética dos jovens entre redes e paredes, visto que na sala de aula são observadas tais dinâmicas em sua espacialidade.



**IMAGEM 7.** Postagem grupo CEAN artes, captura 20 de agosto de 2014. Fonte: Facebook: grupo CEAN

A postagem mostra a produção de uma estudante que utilizou a fotografia com dispositivo móvel (celular) e uma ferramenta de aplicativo (programas que possibilitam execução de tarefas em aparelhos móveis).

Tais aplicativos encontram-se cada vez mais acessíveis e muitos são gratuitos, possibilitando que os jovens editem e manipulem suas fotografias. Apesar das situações ocorrerem de forma autônoma, os jovens se interessam em compartilhar experiências, utilizando essas ferramentas para interação. Dessa forma, indica-se que esses dispositivos poderiam ser utilizados para alcançar mais jovens em formação se fossem também apontados para a produção nas aulas de artes visuais. Foram realizadas 23 curtidas. A postagem vem também aliada a comentários, como por exemplo:

- filha de Dali.

Esse comentário partiu de um colega de classe, ligando a produção da colega ao artista Salvador Dali e ao surrealismo. Podemos dizer que, a sua maneira, o estudante fez uma leitura do trabalho da colega, reconhecendo elementos que compõem a imagem como uma projeção surreal; fazendo referência a um artista e a um período que compõem a história da arte.

Assim podemos destacar ainda a possibilidade de ação participativa dos comentários, onde fragmentos de saber configuram um conjunto de habilidades. Disso se pode inferir que

nas postagens a intervenção dos participantes pode resultar em trocas e produção de conhecimento participativo.

- você mudou o fundo?

- sim, fui eu.

Essa interação demonstra a curiosidade de um componente do grupo ao ver a paisagem expressa na imagem. Em resposta, a jovem estudante responde que sim, que ela mudou, reforçando a manipulação de um fazer, uma dinâmica de mudar a imagem da fotografia, reconfigurar o contexto da imagem, delineando uma subjetividade que manipula a imagem por uso de mecanismo móvel (celular) e comunica sua produção de forma interativa.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A professora e os alunos, ao utilizarem o grupo CEAN, trocavam no ambiente suas visualidades e percepções, compartilhando materiais tais como: vídeos, matérias, imagens, mensagens, fazendo uso de postagens.

A pesquisa proposta partiu da investigação das estruturas que remontam a visualidade da sala de aula, investigando rastros históricos dessa e o seu contexto contemporâneo, na constituição de um espaço híbrido que modela as subjetividades corporais, fazendo uso de postagens partilhadas em um grupo de artes na rede Facebook.

Com as análises das postagens emergiram as convergências da atuação dos participantes da sala de aula para o espaço virtual e vice-versa. Esse espaço se apresenta como uma galeria de postagens, onde são expostos perfis culturais, registros de memórias, registros de produções, espaçam a prática do encontro visual, além de ser um espaço onde a produção dos estudantes está sujeita a intervenções com comentários e leituras.

A *timeline* muitas vezes fazia lembrar uma espécie de galeria, na qual aquele grupo produzia uma “curadoria amadora”, elegendo a validade da postagem a ser fixada naquele espaço. Havia uma avaliação de quais composições poderiam se eleitas para serem expostas para o público e representar a subjetividades do grupo, reinventando as relações por meio da visualidade e das intervenções nas postagens.

O espaço do grupo remeteu ainda a um diário de passagens do espaço físico que era apresentado para o espaço virtual. A dinâmica do diário em outros momentos da história se deu de forma a registrar memórias íntimas. A faceta contemporânea da relação entre os aparelhos midiáticos e os jovens torna pública e participativa a expressão dessas memórias.

Os alunos partilhavam fotografias de ações no espaço escolar, manipulação de filtros por meio do uso de aplicativos, o que demonstra a interface desses aparelhos com a apropriação de uma técnica para produção visual. Portanto essa própria dinâmica de interface com as outras ferramentas ressalta a importância que os jovens dão a esse tipo de produção, sendo importante o estímulo e mediação de tais práticas no contexto do ensino de artes.

No entanto, no espaço físico escolar não há um projeto para mediar uma atuação da escola em conjunto com o contexto das mídias, apresentando um espaço de dissonâncias, sendo essas posições tomadas de forma geral e ocasional, e assim acontece em muitas escolas que ou se negam a visualizar o contexto instaurado ou traçam formas para tentar aliar a condição escolar com a dinâmica da convergência, buscando para isso medidas experimentais

de unir esses universos. Essas ações e manipulações poderiam ser pensadas e ressaltadas pelos educadores de forma aprofundada e consistente visto que as interações fazem parte do cotidiano desses jovens e expressam caracteres culturais. “A interatividade demanda um corpo em ação, por situações que ampliam nossa forma de existir numa relação direta entre tecnologia, biologia e cognição” (DOMINGUES, 2002). A contemporaneidade demanda condição interativa que os jovens parecem reivindicar como possibilidade de ampliar os limites de experiência. Assim o recurso tecnológico pode auxiliar nesse processo gerar comunicação, conhecimentos da cultura em que estão inseridos, produção, fruição.

As postagens não apresentavam ordem de interação linear, demonstrando uma diversidade de temas que se cruzavam com as produções visuais perpassadas pela intervenção de curtidas e comentários. Como se a atuação dos componentes tornasse a imagem efêmera, estando essa exposta a mudanças delineadas pela interferência dos comentários e curtidas derivadas da visualização.

O espaço apresentou uma dinâmica que tinha temas cotidianos, com um leque de informações mediadas prioritariamente por estudantes e professor, trazendo uma horizontalidade na mediação e nas interações desse espaço.

Durante a análise, pode-se notar que a professora regente trazia contribuições com postagens, matérias, vídeos e comentários, o que propõe uma mediação. Demonstrando o exercício da docente também delineando o ciberespaço. Além de destacar a importância do professor pesquisador, que em sua comunidade de ensino está atento para as práticas que emergem do ambiente de ensino, para assim contribuir no processo de mediação, possibilitando práticas junto à realidade cotidiana dos educandos.

Os jovens estudantes atuavam de forma autônoma e interativa no grupo, fazendo postagens de suas produções e trazendo conteúdos que contribuíam com o diário virtual coletivo, além de comentários e curtidas que reescreviam os *posts*. Pode ser notar que os 162 participantes não atuavam da mesma forma. Havia jovens que se manifestavam de formas diferentes, havendo uma frequência maior dos mesmos jovens em diversas manifestações no grupo; um processo que também delineia identidades e habilidades na utilização desse meio.

O delinear das subjetividades demonstra jovens que produzem, selecionam e remontam contornos culturais populares e democráticos, produzindo um conjunto de pequenas ações, que são traços de expressão de uma cultura.

Considerando o contexto, pode-se observar que esses espaços encontram-se em coexistência, modelando subjetividades com expressões autônomas, produtoras, expositoras, inquietas,

dispersas, podendo conter nessas facetas quem sabe as linhas que aos poucos modelam a estrutura da escola a novos ritmos e processos culturais. Esse quadro de produção, mediação e apreciação caracteriza um processo de produção cultural no contexto de redes e paredes.

## **BIBLIOGRAFIA**

ADORNO, Theodor W. trad. Juba Elizabeth Levy. **Indústria Cultural e sociedade**. Jorge Mattos Brito de Almeida [org.]. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEF, 2000. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acessado em out. 2014.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação economia, sociedade e cultura. Vol. I (A sociedade em rede)**. São Paulo, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

DELEUZE, Gilles. “**Post-Scriptum sobre as sociedades de controle**”. Conversações 1972-1990. RJ: Ed. 34, 1992, p. 219-226.

DOMINGUES, Diana. **Criação na e interatividade na cibearte**. São Paulo: Experimento, 2002.

FACEBOOK. **Policies**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/policies/?ref=pf>>, acesso em 15/10/14.

FERRARI, Pollyana; FERNANDES, Fabio. **No tempo das telas: reconfigurando a comunicação**. São Paulo: estação das letras e cores, 2014.

Folha de São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br>.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 5. ed. Petrópolis: Vozes. 1987.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Trad. Susana Alexandria. 2- ed. – São Paulo: Aleph, 2009.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo, Ed. 34, 1999.

Patrício, R., & Gonçalves, V. (2010) - **Facebook: rede social educativa?** In I Encontro Internacional TIC e Educação. Lisboa: Universidade de Lisboa, Instituto de Educação. 593-598. <http://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3584/1/118.pdf>

PRIMO, Alex. **O aspecto relacional das interações na Web 2.0.** E- Compós (Brasília), v. 9, p. 1-21, 2007.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão.** Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: contraponto, 2012.

SOARES, José; XAVIER. Márcio. **O poder Simbólico no cotidiano escolar: Reflexões sobre o corpo da criança.** RN- Unijuí, 2009.

TORRES, Patrícia Lupion (Org.). **Algumas vias Para Entretecer o pensar e o agir.** Curitiba: SENAR-PR, 2007.